
HOMOAFROSOLIDÃO: LEITURAS DISCURSIVAS DA HIPERSEXUALIZAÇÃO E SUA NATURALIZAÇÃO

Américo Paes Landin Neto

Licenciado em Letras-Língua portuguesa e literaturas (UNEB), mestrando em Ciências Humanas e Sociais-PPGCHS(UFOB), Professor na rede municipal de Educação de São Desidério.

Resumo

Este artigo pretende teorizar sobre a Homoafrosolidão: solidão emocional do homem negro, especialmente no contexto da interseccionalidade com a homossexualidade. Para isso usamos como aporte teórico metodológico a AD (Análise de Discurso materialista) à partir de dois suportes literários com recortes sincrônicos distintos; uma crítica de Valentim Magalhães sobre o Bom-Crioulo (1895) e o livro Contos Negreiros (2005). Começamos por pensar que historicamente, a imagem do homem negro (heterossexual ou não) foi visto e interpretado como um ser de força física e sexual, enquanto o homem homossexual foi estigmatizado como frágil ou promíscuo. Aqui, destacamos como os estereótipos coloniais e raciais reforçam a hipersexualização e objetificação desses sujeitos. Esses discursos, enraizados no racismo e na homofobia, desumanizam e excluem o homem negro gay de relações afetivas genuínas, reforçando sua marginalização. Neste artigo, dizemos que a sociedade, ao priorizar o homem branco heterossexual como ideal, empurra o homem negro e gay para uma solidão ampliada, negando-lhe o direito ao amor e à expressão emocional. Neste sentido, pensamos que sujeitos (não racializados,) (re)produzem processos discursivos que hipersexualizam o sujeito negro/gay pondo-os na condição de sujeitos que não merecem amar, nem serem amados.

Palavras-chaves: Homoafrosolidão. Interseccionalidade. Hipersexualização.

1. INTRODUÇÃO

A travessia do Atlântico moldou percepções duradouras sobre as “novas terras”. Algumas imagens repetidas consolidam, por exemplo, um arquétipo do homem negro, que enraizado na história colonialista constrói uma figura de potência física e sexual. Em contraste, a figura do homem homossexual é frequentemente navegada por estereótipos voltados a figura feminina e/ou à doenças, associando-o à delicadeza e fragilidade, ou à promiscuidade sexual. Esta navegação entre percepções diz muito sobre como somos interpretados por outrem, revelando mapas sociais complexos que influenciam nossa compreensão.

Aqui, partimos da AD (análise de Discurso Materialista) e dizemos que é impossível pensar um sujeito e seu funcionamento ideológico sem considerar a sociedade que o circunda. Neste sentido, pensamos que sujeitos (não racializados,) (re)produzem processos discursivos que hipersexualizam o sujeito negro/gay¹ pondo-os na condição de sujeitos que não merecem amar, nem serem amados. Usamos para esta análise suportes literários a saber: uma crítica feita Valentim Magalhães de “Bom-Crioulo (1895)” e 3 contos do livro “Contos Negreiros(2005)”.

Dizemos que este trabalho se desenvolve principalmente no campo da representação(que aqui assume uma importância para além do fictício). Acreditamos que a imagem amplamente repetida tende a construir significativa relevância já que tende a desenvolver um papel de representar a essência dos sujeitos que estão sendo retratados, no caso específico dos afro-descendentes, pensamos não só o contexto ibero-afro-ameríndio, como propôs Prudente e Batalha(2014), mas também pensando formações ideológicas desses sujeitos que vivenciam a diáspora numa espécie de discurso fundador como propôs Orlandi(1993).

Para este estudo, pensamos também a partir do que propõe Karla Akotirene(2018) ao falar sobre “avenidas identitárias do racismo, cisheteropatriarcado e capitalismo”, já que

¹ A opção por utilizar gay, aqui, parte da compreensão de que tal designação é amplamente aceita, utilizada e difundida de forma universal pela comunidade LGBTQIA+. Embora termos como Bicha e viado sejam termos que também nos interessa para pensar os corpos como estamos pensando, preferimos adotar gay e homossexual ao longo desse trabalho entendendo-os como sinônimos.

a interseccionalidade é também fator primordial para entendermos a forma como esses sujeitos são lidos sob a ótica do outro, por isso concordamos com Prudente e Batalha(2014) quando dizem que

[...] o sentido ocidental como poder da imagem do euro-hetero-macho autoritário, possivelmente, de forma inexorável se estabelece pela negação do outro, enquanto expressão de um possível traço, que caracteriza o valor epistemológico. E assim se dá o problema da dominação da imagem de verticalidade do poder euro-hetero-macho-autoritário. (Prudente e Batalha, p. 86, 2014).

Essas imagens que se constrói, sobre o homem negro homossexual podem desconstruir e afirmar a inexistência de humanidade em sujeitos reais, frequentemente pondo-nos na condição de marginalizados, hipersexualizados e portanto, sozinhos emocionalmente. Para comprovar essa nossa hipótese laçamos nosso barco em direção à compreensão de que a literatura representa o social e o histórico na medida em que reproduz elementos do real e o ficcionaliza, recontando os fatos, (re)criando, nesse espaço, o mundo e instaurando diferentes efeitos de sentido (TEIXEIRA, 2019, p. 244), nesse viés as diversas estórias contadas podem ser materializações discursivas de histórias (com h, no sentido de histórias “reais”, ou menos fictícias).

2. O SUJEITO NEGRO-GAY : BREVE PERCUSO HISTÓRICO

Para nossa análise, partimos da premissa formulada por Fanon (2008) na introdução do livro “Pele negra máscara branca”, de que “[...] o negro não é um homem” (Fanon, 2008, p. 26); ele não deve ser visto separado da sua raça, o negro é, acima de tudo, “um homem negro” (p. 26) e, por isso, veremos, aqui, antes de pensá-lo em sua “condição” sexual, o Homem Negro como uma unidade. Um único ser, um sujeito racializado².

2.1. O sujeito negro

Talvez o ponto inicial para entendermos a forma como o sujeito racializado é discursivizado em solo brasileiro seja, antes, perpassar pela consciência de que, há menos de 200 anos, vivíamos sobre domínio colonizatório europeu. O crivo do colonizador determinava e subjogava, sob uma ótica europeia, as capacidades dos sujeitos. “Foram,

² Pensamos, aqui, sujeito racializado como aquele que tem processos de racialização lhe atravessando, podendo ser atribuído também aos grupos étnicos marginalizados. Tomamos, neste trabalho, o sujeito negro, também, como um sinônimo possível para sujeito racializado, assim como seria possível pensar em sujeito indígena ou sujeito cigano, por exemplo.

portanto, as circunstâncias históricas de meados do século XVI que forneceram uma ideia específica de raça” (ALMEIDA, 2021 p.25). Ou seja, por “detrás” do que chamamos de raça, hoje, no Brasil, há um complexo histórico de existência humana e construção do europeu como o “homem universal”, que desconsiderou, sob uma ideia forçosamente inventada de determinismo biológico/geográfico, qualquer sujeito que fugisse do ideal europeu.

Do século XVI ao XIX, o Brasil passou por um longo processo de escravatura. Negros dos mais distintos lugares do continente africano eram raptados no intuito de transformá-los em escravos. Aqui, na colônia portuguesa, os mercadores negreiros expunham suas “mercadorias” humanas, como quem, amparado pelas engrenagens luso-tropicais, beneficia-se do sistema de produção racial. Os negros, (praticamente) nus, eram manuseados, apalpados, seus órgãos genitais avaliados e, quando agradavam os feitores, comprados.

Lá, no seio do continente-mãe, era tudo diferente. Aqui, extirparam suas culturas, crenças, suas formas de ver o mundo, estabelecendo relações de poder hierarquizadas que desconsiderariam suas subjetividades e estruturariam uma lógica eurocêntrica judaico-cristã. Desta forma, o discurso fundador (Orlandi, 2001) que se arraigou, é o de que a “pele não branca e o clima tropical favoreceriam o surgimento de comportamentos imorais, lascivos e violentos, além de indicarem pouca inteligência” (ALMEIDA, 2021, p. 29). Logo, sujeitos negros foram considerados, portanto, primitivos; animais. Desta forma, diz-se do “eu” que a escravidão desenraizou o negro do seu meio social e de família, soltando-o entre gente estranha e muitas vezes hostil. Dentro de tal ambiente, no contato de forças tão dissolventes, seria absurdo esperar do escravo outro comportamento senão o imoral, de que tanto o acusam (Freyre, 1998 p. 207). Ao fazer a afirmação supracitada Freyre está falando também a partir de um imaginário estigmatizado sobre esses sujeitos a partir da ótica do “outro”.

As relações assimétricas de poder estruturalmente estabelecidas na sociedade brasileira têm, alicerçadas nos estereótipos, um racismo que se mascara entre quatro paredes e na cama com o homem negro. Ou melhor, é lá na intimidade que o sujeito negro é subjugado por um potencial pretencioso de performance, atributo e potência sexual que outrora nos tornava comercializáveis em praça pública.

2.2.O Gay (homossexual)

O imaginário sobre o sujeito gay está alicerçado em um conjunto de crenças que fogem da marcação de performatividade masculina, ou seja, os sujeitos, nessa condição, estariam contrariando uma norma do que é ser homem, sendo, então, vistos e designados como sujeitos anormais ou doentes. Aliás, por muito tempo, as relações homoeróticas entre homens estiveram ligadas ao uso do termo homossexualismo, para classificar, portanto, como uma espécie de doença, passível de cura e cujo tratamento fazia-se necessário. Aqui, é necessário dizer que “seremos obrigados a repetir as mesmas palavras do Dr. Pires de Almeida: ‘A pederastia no Brasil carece (ainda) de observação e pesquisa’” (Mott, 1988, p.20)³.

O termo Pederastia remonta a períodos remotos desde a Grécia quando designava a relação erótica e sexual entre um homem e um jovem. Até pouco tempo atrás, o termo era usado para designar a homossexualidade como doença. No livro “Outsiders: estudo de sociologia do desvio” de 1960, Howard S. Becker desmistifica em certos pontos a ideia de patologia referente à homossexualidade, afirmando que esta prática era mais comum do que se imaginava. Diante disso, Daniel Borrillo, em seu livro “Homofobia: história e crítica de um preconceito” (2010, p. 45), dirá que “a sociedade grega considerava a homossexualidade como legítima”, já que era uma prática iniciativa como um preparo para a vida marital. O autor ainda acrescenta, dizendo que, na Roma Clássica, a homossexualidade era tolerada sob as seguintes condições: não afastar o cidadão de seus deveres para com a sociedade; não utilizar pessoas de estrato inferior como objeto de prazer e, por último, evitar absolutamente de assumir o papel passivo nas relações com os subordinados (Borrillo, 2010, p. 46).

“Ao chegarem a África, Japão, Índia e ao Brasil, os portugueses encontraram diversos povos e sociedades que praticavam abertamente o homossexualismo⁴, tanto masculino

³ Mobilizamos Mott aqui, com muitas ressalvas teóricas, porque ressaltamos sua importante contribuição como um dos primeiros estudos que versam a homossexualidade como fenômeno comum e visível durante o período colonial, mas isso não nos impede de problematizar alguns de seus discursos, como veremos adiante.

⁴ Embora a American Psychology Association (APA), já tivesse tirado o termo Homossexualismo da lista de distúrbios mentais nos Estados Unidos desde 1973, Mott ainda utilizou esse termo em seu estudo nessa época porque o termo ainda era amplamente utilizado, pois somente em 1990 a Organização Mundial da Saúde (OMS) extinguiu o termo "homossexualismo" da lista de doenças mentais, passando então a se utilizar homossexualidade.

quanto feminino.[...] Nossa sociedade, herdeira da moralidade Judaico-cristã, infelizmente situa-se dentro do grupo minoritário que hostiliza o homoerotismo” (Mott, 1988, p. 23) Essa hostilização se fundamenta nos atravessamentos entre discursos científicos e religiosos.

2.3. O negro-gay

Como na Roma Clássica, aqui, os senhores de engenhos abusavam de seus “negrinhos” e faziam deles engrenagem fundamental do erotismo iniciativo do menino branco. Os meninos negros chamados de “leva-pancadas” e “companheiros de brinquedos” do menino aristocrata, eram vítimas, não raras, do branco que o abusava “por motivação dos seus impulsos sexuais da puberdade” que mais tarde se transformaria, quando homem feito, num sadismo eminente “no simples e puro gosto de mando, característico de todo brasileiro nascido ou criado em casa-grande de engenho” (Freyre, 1998 p. 57).

O estranho é que, pouco antes da invasão do Brasil, em Portugal, a homossexualidade era vista como um dos pecados mais sujos, em que seus praticantes eram julgados, castrados e condenados à pena de morte (Mott, 1988). Assim, em volta de uma visão europeia, na contradição entre o estupro do povo negro e o pecado do sujeito gay que a sociedade brasileira se estruturou. No Brasil colônia, a população negra brasileira, como mercadoria, foi, por muito tempo, objeto de prazer sexual do colonizador.

A expansão colonial enraizou, no novo mundo, um discurso que legitimou e fez do racismo uma peça central do quebra-cabeça das subjetividades humanas. A travessia do Atlântico fez brotar, na “nova terra”, uma heterogeneidade de sujeitos e um juízo de estereótipos que fez de alguns corpos alvos sistemáticos de discriminação. Como esperar algo senão imoralidade se o imaginário diz que esse sujeito, esse corpo racializado, é imoral? Desta forma, dizemos que, desde que os negros foram brutalmente e forçosamente retirados de África e trazidos para serem escravizados neste solo que hoje chamamos de Brasil, passamos por um processo de avaliação de identidades, cultura, raça e de nossos corpos. Aqui, comercializados e atribuídos a um valor significativo de capacidades, o racismo foi base fundamental para a avaliação que poderia variar desde tributos relacionados à força física até a capacidade sexual, num processo escancarado de objetificação sexual, naturalizando um imaginário libidinal da “raça negra”.

No livro “Escravidão, sexualidade e demologia” (1988), Mott, dirá que, nas “ligações homoeróticas heterocromáticas, nem sempre a iniciativa da relação partia do branco dominador: há casos em que o ‘sedutor’ é da raça inferiorizada”. Em seguida, o autor conta uma situação em que o “mulato escravo da casa seduziu” o filho de um juiz a “pecarem em sodomia”. Os termos entre aspas são grifos nossos do texto de Mott (1988, p. 29), que nos leva a confirmar, a partir do próprio uso do termo “seduzir”, que há, no imaginário coletivo, reforçado do discurso do autor, a ideia de que o negro homossexual carrega consigo um estigma que põe seu corpo no vislumbre de práticas sexuais.

No Brasil do século XX, constata-se que, “até 1984, ainda classificavam oficialmente o homossexualismo como ‘desvio e transtorno sexual’”(Mott, 1988, p. 20), e é nesse contexto que, em 1982, surgem os primeiros casos da epidemia de Aids em solo brasileiro. Não só aqui, como em todo o mundo, a ideia de transmissão estava diretamente relacionada aos sujeitos gays. Estabeleceu-se, então a ideia de que a identidade desses sujeitos estava relacionada à promiscuidade e que o sexo desenfreado praticado por essa “população pecaminosa” era causa da epidemia.

A “sodomia” passou, então, a ser pecado, abaixo da linha do equador, enquadrada na categoria de nefanda, indigna de falar, pecado, um horror. Mott(1988), ainda, delinea alguns “aspectos marcantes das relações nefandas entre a população de cor da Bahia colonial” (Mott, 1988, p. 33), relatando sumariamente algumas práticas sexuais. Contrariando as tolerâncias de Roma clássica, aqui, corpos que fugiam do estereótipo europeu (negros e indígenas escravizados) eram alvos constantes das denúncias relacionadas às chamadas “práticas pecaminosas”.

3. A HIPERSEXUALIZAÇÃO E A HOMOAFROSOLIDÃO

Diante do exposto e de toda a condição imaginária à qual um sujeito negro e gay é submetido, chegamos ao ponto que nos põe junto à afirmação de que estamos falando, portanto, de “códigos sociais que nos obrigam a olhar para os corpos como prenhes de significados” (Alves, 2004, p. 357). E é a partir desse olhar que passamos a perceber que é atrelado tanto ao homem negro quanto ao homem gay, a partir de uma memória discursiva racializada que é acionada sobre esses sujeitos, uma objetificação, numa espécie de “inventário da fetichização” (Pinho, 2016), que torna seu corpo atravessado

pelos imaginários sobre sua cor e sua sexualidade, um alvo que o relaciona ao sexo, ou por assim dizer, à sexualização exacerbada de seu corpo.

3.1.A materialização discursiva da hiperssexualização

Nosso olhar para tempo e para a extemporaneidade nos conduz e faz-nos chegar no primeiro Romance brasileiro a abordar a homossexualidade abertamente. Nele vemos retratado em terceira pessoa o “Bom-Crioulo” (1895), um personagem de obra homônima de Adolfo Caminha (homem branco), em que vemos um sujeito negro, escravo, como o protagonista da narrativa.

Essa obra foi publicada em 12 capítulos e aborda, além da homossexualidade, o tratamento da Marinha do Brasil para com seus marinheiros e as relações inter-raciais, o que representou para a época, século XIX, uma tremenda polemica. Um dos críticos a escrachar com a obra foi o jornalista e escritor brasileiro Valentim Magalhães, que, em sua crítica disse:

Ora o *Bom Crioulo* excede tudo quanto se possa imaginar de mais grosseiramente imundo. [...] **É um livro ascoroso, porque explora – primeiro a fazê-lo, que eu saiba – um ramo de pornografia até hoje inédito por inabordável, por anti-natural, por ignóbil.** Não é pois sómente um livro *faisandé*: **é um livro podre; é o romance-vômito, o romance-poia, o romance-pus.** [...] Este moço é um inconsciente, por obcecação literária ou perversão moral. **Só assim se pode explicar o fato de haver ele achado literário tal assunto, de ter julgado que a história dos vícios bestiais de um marinheiro negro e boçal podia ser literariamente interessante** (MAGALHÃES, 1895, p. 1 *apud* HOWES, 2005, p. 173-174) Grifos nossos.

Aqui, pensamos a forma como o sujeito negro-gay é/foi visto. Percebamos que sempre pela ótica do outro, a construção imaginária desses sujeitos perpassa pelo crivo moralista, pseudocientífico e, porque não, religioso. Os grifos que fizemos acima se transformados em sequencias discursivas pode nos ajudar a entender aquilo que já propomos como hipótese, repetimos: “as imagens repetidas sobre sujeitos negros/gays põe-nos na condição de sujeitos hiperssexualizados e sozinhos afetivamente”. Vejamos a nossa Rede parafrástica (RP01).

SD01 “É um livro ascoroso, porque explora[...] um ramo de pornografia até hoje inédito por inabordável, por anti-natural, por ignóbil”.

SD02 “é um livro podre; é o romance-vômito, o romance-poia, o romance-pus”.

SD03 “Só assim se pode explicar o fato de haver ele achado literário tal assunto, de ter julgado que a história dos vícios bestiais de um marinheiro negro e boçal podia ser literariamente interessante.

Para pensarmos a forma por meio da qual o sujeito, no nosso material, é discursivizado, acreditamos que seria possível mobilizar a noção de Discurso racializado (Modesto, 2021); mais especificamente, diríamos que o discurso do homem branco se trata de um discurso racializado “sobre” o sujeito gay. Uma observação, no entanto, que é necessária de ser ressaltada é que, na obra criticada por Magalhães(1985), não há uma tentativa de apagamento da racialização; pelo contrário, ao discursivizar em sua obra, o autor tematiza o sujeito negro/gay como “ruptura” do que o cânone literário vinha fazendo, o que seria descrito como Polissemia e paráfrase como pensou Landin Neto (2023).

Para justificar a hipersexualização, neste trabalho, teorizamos a partir daquilo que formulou França(2019) ao fazer uma Formação Discursiva do discurso de ódio. Para ele, para que o discurso de ódio aconteça é necessários dois movimentos:

a desumanização do outro (pela produção do inumano, do animal, do demônio e da coisa) e a verbalização do tratamento que parece adequado ao outro já desumanizado (desde tratamentos indecorosos até “soluções finais”, como o desejo da morte em massa e violenta). (França, 2019).

Na crítica feita por Valentim Magalhães vemos claramente os dois movimentos se materializando, uma vez que, “a mesma argumentação do discurso de ódio tem sido invocada contra grupos minoritários, muitas vezes com a intenção de calá-los, em casos nos quais a linguagem injuriosa é adotada como recurso - até mesmo estético - para se opor as agressões” (Butler, 2021, p. 90), neste caso, para repugnar o sujeito negro, primeiro ele repugna o livro, depois o romance(o enredo como um todo), depois o personagem(estendendo a imaginário coletivo sobre sujeitos negros).

Ao considerar abjetos (o livro, o enredo, e o sujeito negro) ele faz a partir do uso de termos como “ascoroso”, “podre”, “vomito”, “poia”, “pus” e “bestial”, mas por quê? Por ter como temática a atração físico-sexual? Por retratar a relação físico-sexual de dois homens? Por ser um desses homens um sujeito negro? Perceba que nas SD’s 01 e 02 termos que compõe a RP01 se referem a obra e ao seu conteúdo. Aqui a colocamos em uma rede parafrástica junto com a SD03 pois dizemos que a desumanização do sujeito negro/gay acontece porque o que seria então rejeitável não é de fato a obra, nem o

romance, mas o conteúdo dela, ou melhor o fato da obra trazer em seu conteúdo um combo de tudo que seria considerado abjeto: o sujeito negro, a homossexualidade e o sexo “livre”. Sendo, portanto, descrito à partir do uso de “história dos vícios bestiais de um marinheiro negro”, pondo os sujeitos nessas condições como aqueles que agem por impulsos animalesco, além de serem não digno do olhar literário.

Nas obras contemporâneas a mesma visão desses sujeitos se mantem. Marcelino Freire, por exemplo, publicou em 2005 um livro em que vemos narrado 16 histórias (contos e crônicas) onde podemos observar o protagonismo também de sujeitos negros (de gêneros e sexualidades distintas), o que nos parece romper com uma estrutura canônica e hegemônica da literatura brasileira. No entanto, ao analisar a obra percebemos que todas as vezes que um personagem aparecia intersseccionalizado nas condições negra e gay, de imediato, uma associação sexual era acionada. Vejamos 3 recortes que fizemos dos contos do livro “Contos Negreiros” e transformamos em sequencias discursivas e compõe a Rede parafrástica (RP02):

SD04 Canto VIII “Célio conheceu Beto na estação de trem, em setembro. **Moreno bonito. Célio acariciou o membro de Beto no aperto vespertino, no balanço ferroviário. Beto gozou na mão do viado.** Encabulado mascou seu chiclete, desceu e nem olhou pra trás, para Célio. Célio feliz por um certo tempo. A gosma entre os dedos. A porra a gente esconde no ferro, debaixo do banco”.

SD05 Canto XIII “Enquanto o arquiteto sumiu na bateria, fiquei pensando. Tenho certeza que agora, finalmente, conheci o amor da minha vida. Meu primeiro amor, depois de tantos anos. **Falo daquele negronegronegronegro ali, rebolando.**

SD06 Canto XV “**Meu homem me obedece e me respeita.** Por incrível que pareça, **mesmo quando me põe de quatro, me machuca, me prende à vara da cama.** Quando me chicoteia. **Meu homem diz que serei seu escravo a vida inteira”.**

Nessa RP02(uma obra literária,) assim como na RP01(uma crítica sobre uma obra literária), ao tematizar o sujeito negro, mesmo que se proponha romper com estigmas(como é o caso somente da RP02), o discurso desses sujeitos acabam reforçando a imagem socialmente construídas, há em funcionamento, portanto em todas as SDs, a Formação Imaginária como condição de Produção do discurso (Pêcheux [1969] 1997 p. 82), uma vez que é tudo aquilo que já foi dito sobre esses sujeitos se materializam no discurso.

Desta forma, sob efeitos ideológicos, comparece, no imaginário coletivo, como podemos observar a partir da construção das personagens observando a RP02, uma materialização discursiva da hipersexualização de sujeitos negros/gays. De mesmo modo a obra de Caminha (1895), já retratava o sujeito negro(protagonista) a partir de atributos físicos, descrito como “um latagão de negro, muito alto e corpulento, figura colossal de cafre, desafiando, com um formidável sistema de músculos, a morbidez patológica de toda uma geração decadente e enervada” (CAMINHA, s/d, p. 06). O que nos conduz também a afirmação de que não só o discurso da crítica sobre a obra, mas o próprio conteúdo dela trazia consigo descrições que limitam os sujeitos negros-gay à forma como seus corpos são majoritariamente lidos socialmente.

Sem recortes de raça ou sexualidade, poderíamos afirmar que sexo, desejo, libido, tudo isso poderia representar não um fardo, mas um jogo delicioso dos quais os homens, ou as pessoas de modo geral, se beneficiam. Não discordamos disso. É importante que saibamos que olhar para este ou aquele corpo e apontá-lo como sendo bonito/sexy é inevitável para grande parte das manifestações da sexualidade humana, inclusive esse pode ser considerado uma das ações que motivam nossas relações amorosas-sexuais. Adotamos, portanto, a ideia de que todo ser é passível de sexualização. Afirmamos isso, pois partimos do pressuposto, majoritariamente aceito, de que o próprio sexo é uma necessidade fisiológica e, por assim ser, somos motivados, em maior ou menor grau, a nos sentirmos atraídos sexualmente por este ou aquele corpo. No entanto, alguns corpos tendem a se tornar ainda mais sexualizados em vista de carregarem consigo uma marca sócio-histórico-cultural, diretamente ligada à interpretação de outrem sobre estes sujeitos. E isto diz respeito a não somente uma atração física, mas também a um processo de objetificação sexual, atrelado a uma estereotipização desses corpos a partir de um olhar de colonização, ou seja, de uma interpretação possível a partir de uma Formação Discursiva colonialista.

3.2. A homoafroolidão

Também sob efeitos ideológicos é que apontamos, agora, para o fato de que há diferentes formas de dizer algo, seja a partir da polissemia, seja a partir da paráfrase. Mas acrescentamos que há, também, formas de não-dizer. Isto é, o que é dito está repleto de silêncios. Quando se diz, por exemplo, que não há racismo no Brasil, do não-dizer

“escapa” a afirmação de que a população brasileira compartilha de um imaginário capaz de vilipendiar corpos racializados, e que o racismo, aqui, é estrutural (Almeida, 2021). Do mesmo modo, ao dizer que a sociedade auriverde é amistosa para com a diversidade não se diz que se trata de uma sociedade LGBTfóbica embora seja uma das que mais consome pornografia trans. Não se diz, portanto, sobre sujeitos que compartilham de um imaginário erótico/pornográfico sobre esses corpos. Sobre isso, Orlandi (2007, p. 12). dirá que “[...] há um modo de estar em silêncio que corresponde a um modo de estar no sentido e, de certa maneira, as próprias palavras transpiram silêncio”.

É na materialização textual, ou melhor, no discurso que os sentidos ganham formas. Algumas nítidas, aparentes e quase palpáveis, outras opacas, transparentes e pouco óbvias. E é justamente nessa última que observamos, pelas lentes da AD, que, no(s) discurso(s) “do” homem branco (Freire, Magalhães e Caminha, nesse caso), há uma repetição sobre a solidão do homem negro, ou, melhor, há uma naturalização da homoafrosolidão.

Talvez em menor grau na SD01, a construção do homem negro hipersexualizado materializa no não-dito um preterimento do homem negro. A solidão desses sujeitos ultrapassa relações amorosas-sexuais, mas também aí se estabiliza. Falar de homoafrosolidão não é falar só sobre gênero, raça ou sexualidade; é falar de masculinidades, de classe ou posição social, de performatividade de gênero, entre outras coisas. Nos limitaremos aqui a explorar o que nosso material de análise nos permite. Vejamos, então, nossa RP02:

SD05 Canto XIII “Enquanto o arquiteto sumiu na bateria, fiquei pensando. Tenho certeza que agora, finalmente, conheci o amor da minha vida. Meu primeiro amor, depois de tantos anos. Falo daquele negronegronegrosso ali, rebolando” (FREIRE, 2005, p. 91).

SD06 Canto XV “Meu homem me obedece e me respeita. Por incrível que pareça, mesmo quando me põe de quatro, me machuca, me prende à vara da cama. Quando me chicoteia. Meu homem diz que serei seu escravo à vida inteira” (FREIRE, 2005, p. 102).

SD03 Só assim se pode explicar o fato de haver ele achado literário tal assunto, de ter julgado que a história dos vícios bestiais de um marinheiro negro e boçal podia ser literariamente interessante. MAGALHÃES, 1895, p. 1 *apud* HOWES, 2005, p. 173-174)

Acreditamos que o Não-dito deve ser pensando, aqui, na relação com tudo que foi dito. Ou seja, se dissemos que há uma hipersexualização do sujeito Negro/gay, há também uma falta de amor para com eles, já que, reiteramos, “o não dito é subsidiário ao dito” (Orlandi,

2005, p. 82). Nas SDs que selecionamos numa relação de paráfrase, é apresentada somente uma visão relacionada a esse corpo, de modo que qualquer outro sentimento de afeto, carinho e/ou amor é desconsiderado. Ao focar exageradamente na aparência física dos personagens, ao descrever encontros sexuais casuais sem profundidade emocional, e a partir do imaginário estruturalmente estabelecido sobre esses sujeitos interseccionalizados, o autor usa de estereótipos raciais que colocam esses sujeitos na condição de seres objetificados e consideram-nos como meros objetos de desejo sexual do sujeito branco. É como se, ao dizer “este corpo é feito somente para dar prazer”, silenciasse a afirmação alternativa, possível segundo um outro imaginário, acionado a partir de uma Formação Discursiva outra. Isto é, não se diz que “este corpo merece amor” ou “este corpo pode ser amado”. Isso nos leva a questionar: quais outros dizeres a hipersexualização deixa de acionar? Entendemos que amor, no nosso material, entra numa relação oposta, não à sexualização, e, sim, à hipersexualização do homem negro, de modo que está não dito textualmente (embora significando na ausência) que eles não têm sentimentos, e que, se tiverem, devem escondê-lo. Está não dito, também, que fora da cama, esse corpo é repulsivo, não detém prestígio. Fora da cama, esse corpo não é sequer visto. Nesse sentido, percebemos a homoafrosolidão e o não amor, pois os personagens negros são vistos apenas como objetos de desejos ou como alguém dominador(na cama) ou submisso(forá dela).

Na obra, nunca é demais repetir, personagens racializados são reduzidos a estigmas raciais e, por consequência, sexuais, e, por assim ser, não são reconhecidos pelos protagonistas brancos como seres que têm de ser amados; pelo contrário, sua individualidade e dignidade é desconsiderada. Dessa forma, a falta de estabelecimento afetivo contribui para a solidão emocional do homem negro, que, sob essa ótica, não conseguiria estabelecer vínculos amorosos concretos e verdadeiros.

Dizemos que a solidão relacionada aos homossexuais não se restringe a corpos racializados. Se voltarmos na SD02, por exemplo, veremos que o personagem protagonista pode ser lido como alguém à procura de um relacionamento, sendo então afirmado na frase “finalmente encontrei o amor da minha vida”, revelando aí uma espécie de solidão afetiva também

Aqui afirmamos categoricamente que o não-dito diz, à partir da hiperssexualização que “O homem gay não merece ser amado”. Isso porque, na sociedade brasileira, há uma pirâmide hierárquica que prioriza a heteronormatividade, visando uma performance de masculinidade que espirra um ideal validado, por exemplo, na baixa disponibilidade emocional-afetiva dos homens, no geral. Afirmamos, no entanto, que são o machismo e o racismo imbricados que mantêm essa estrutura baseada em um sistema de exclusão.

Caminhando assim, podemos estender a discussão sobre a solidão da mulher negra (Carneiro, 1995) aos homossexuais negros, no sentido de que o homem branco, aí acrescentamos, heterossexual, é a figura que compõe o “ideal” a ser seguido. Neuza Santos considera que “O ideal do ego é a estrutura mediante a qual se produz a conexão da normatividade libidinal com a cultural” (Santos, 1983, p. 33). Atrela-se isso ao heterossexismo, e a sociedade será responsável por empurrar o homem negro/gay à tentativa de se igualar ao homem branco heterossexual, de modo que esse sujeito seja afetado por esses sistemas de opressões que fazem desse sujeito um resultado da solidão ampliada.

Isso porque, renaturalizado em benefício do sistema, o negro gay é colocado nessa constante tentativa de aproximação a um ideal de homem que se aproxima da figura branca e heterossexual e dessa norma libidinal implementada pela sociedade. Dessa forma, podemos dizer que as lutas pelo reconhecimento da identidade e por ascensão social do homem negro e do homem gay perpassam pelo imaginário de que amar é uma espécie de fraqueza. Se não pode ser fraco, não pode, então, amar e nem ser amado, tendo, portanto, suas identidades negadas e suas necessidades emocionais e afetivas negligenciadas pela sociedade brancocêntrica e heteronormativa que se sustenta em um imaginário sócio-histórico-culturalmente estabelecido sobre esses corpos, que “sofrem” com a homoafrosolidão e com a falta de apoio e compreensão das relações homoafetivas.

As experiências específicas desses sujeitos, como vimos, demonstram a exclusão e marginalização, pondo-os na condição de isolados emocionalmente. De outro modo, podemos afirmar que ao sujeito branco é dado tudo. Ele é recompensado com amor e com prazer. O prazer, neste sentido, é sempre do outro. Nunca do negro. Nunca do gay. O sujeito homossexual negro deve contentar-se em se sentir desejado, cobiçado pelo viés da atração sexual. Afinal, por que recompensar com amor alguém que foi feito para servir?

De maneira mais ampla, dizemos que a homofobia constitui uma ameaça aos valores democráticos de compreensão e respeito por outrem, no sentido em que ela promove a desigualdade entre os indivíduos em função de seus simples desejos, incentiva a rigidez dos gêneros e favorece a hostilidade contra o outro (Borillo, 2010, p. 106). Para isso, podemos, aqui, levantar também a discussão de que, hodiernamente, em pleno 2024, tramita na Câmara federal-Apensado ao PL 580/2007, o projeto de Lei 5167/0913 inconstitucional respaldado, ainda, no viés pseudocientífico, colonizador e judaico-cristão que tenta restringir a uniões heterossexuais as designações “casamento” e “união estável”, e dizendo que, na relação de um casal homossexual, os cônjuges deveriam ser “contratantes”, tratando o sujeito homossexual como um “cidadão de segunda categoria”, mais uma vez, colocando seus corpos como abjetos e não dignos de amor e/ou afeto, retirando o véu que cobre as bancadas federais e revelando uma estrutura altamente homofóbica sob a justificativa de laicidade.

Justamente respaldado no viés da desigualdade é que nossos desejos são ignorados. No entanto, ao falar de casamento, estamos falando de algo mais profundo que um contrato. A filósofa Sobofum Somé (2007, p. 79) dirá que “o casamento é uma forma de reconhecer que duas pessoas estão embarcando em algo maior do que elas mesmas e maior que a tribo” a que elas pertencem. Casar é unir dois mundos e dois espíritos. Trazemos essa discussão em se tratado do não-dito, da negação de amor aos sujeitos gays racializados, pois acreditamos que é na contramão de relações emocionais e de responsabilidades afetivas que o imaginário relacionado aos homossexuais e aos negros, põe-nos numa atmosfera que focaliza, excessivamente, as relações casuais.

Por tudo isso, e talvez um pouco mais, é que, pela presença de um (a hipersexualização) e ausência do outro(o amor), comprova-se o funcionamento do não-dito. Ao discursivisar sobre personagens racializados que representam sujeitos concretos, o homem branco nos diz que os corpos de sujeitos negros/homossexuais não merecem uma afetividade verdadeira.

REFERENCIAS:

ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado**. Editorial Presença. Ltda, 1970.

_____. **Sobre a reprodução**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

CHOULIARAK, L. e N. FAIRCLOUGH. 1999. **Discourse in Late Modernity: Rethinking**. Critical Discourse Analysis Edimburgo: Edinburgh University Press.

BUTLER, J. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BUTLER, Judith. **Discurso de ódio: uma política do performativo**. São Paulo: Editora Unesp, 2021.

BRASIL. Ministério da Cultura. **A carta de Pero Vaz de Caminha**. Brasília: MEC, [s.d].

FRANÇA, Thiago Alves. **Sentidos e funcionamentos do discurso de ódio em espaços do Facebook: uma leitura discursiva** / Thiago Alves França. – Recife, 2019. 275f.: il.

FREIRE, Marcelino. **Contos negreiros**. São Paulo: Record, 2005.

HOWES, R. **Raça e sexualidade transgressora em Bom-criolo de Adolfo Caminha**. Graphos, Revista da Pós-Graduação em Letras – UFPB, João Pessoa, v. 7. n. 2/1, 2005.

Mott, Luiz. **Escravidão, homossexualidade e demonologia**. São Paulo: cone, 1988.

NÚÑES, G. **Monogamia e (anti)colonialidades: uma artesanía narrativa indígena**. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais - UFJF v. 16 n. 3 Dezembro. 2021 ISSN 2318-101x (on-line) ISSN 1809-5968.

ORLANDI, Eni P. (org.) **Discurso fundador**. Campinas, S. R:Pontes, 1993.

_____. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 2001.

PÊCHEUX, Michel. **Por uma análise automática do discurso**. Campinas: Unicamp, 1990.

_____. **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Campinas, SP:Ed. UNICAMP, 2014.

PRUDENTE, Celso Luiz. **A dimensão pedagógica do cinema negro**. In: conferência internacional cinema: arte, tecnologia e comunicação, 9., 2018, Avanca. Avanca Cinema 2018. Avanca: Cineclube de Avanca, 2018. v. 1, p. 2-794.

PRUDENTE, Celso Luiz. **A dimensão pedagógica do Cinema Negro: a imagem de afirmação positiva do ibero-ásio-afro-ameríndio**. Extraprensa, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 6-25, 2019a.

PRUDENTE, Celso Luiz. **Étnico léxico**: para compreensão do autor. In: PRUDENTE, Celso Luiz; SILVA, Darcilene Célia (org.). **A dimensão pedagógica do cinema negro**: aspectos de uma arte para a afirmação ontológica do negro brasileiro: o olhar de Celso Prudente. 2. ed. São Paulo: Anita Garibaldi, 2019b. p. 171-177.

SOMÉ, Sobonfu. **O espírito da Intimidade**, Ensinaamentos Ancestrais Africanos sobre maneiras de se relacionar. São Paulo: Odysseus, 2007.

VERGUEIRO, Viviane. **Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes**: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade. Dissertação (mestrado em Cultura e Sociedade) Universidade Federal da Bahia, Bahia, 2016.

Recebido em: 10/10/2024

Publicado em 27/11/2024